

## COMUNICAÇÃO

### AVALIAÇÃO DA EVENTUAL ATIVIDADE TERAPÊUTICA DA PLANTA RUBIM NA INFECÇÃO EXPERIMENTAL DE CAMUNDONGOS PELO *PLASMODIUM BERGHEI*

Vicente Amato Neto, Lucia Maria Almeida Braz,  
Gokithi Akisue e Maria Helena Colameo Motta.

Diversas possibilidades terapêuticas concretas têm nexos com a utilização de plantas, das quais por vezes são inclusive identificados e sintetizados os princípios ativos. Exemplo recente no âmbito das doenças parasitárias é hoje a viabilidade de emprego da artemisinina, eficiente no sentido de beneficiar pacientes com malária, advindo esse medicamento de conhecimentos popularmente acumulados na China<sup>3</sup>.

Observações de leigos, por vezes tradicionalmente coletadas, podem merecer atenção e a valorização de algumas delas propiciou a consolidação de remédios amplamente usados. Por considerar válidas ocorrências de tais naturezas decidimos empreender estudo referente ao rubim, cujo sumo, conforme fatos a nós relatados, possuiria a capacidade de debelar infecção palúdica humana.

Para realizar a necessária investigação, recorreremos a modelo experimental baseado em parasitismo de camundongos pelo *Plasmodium berghei*<sup>4</sup>.

*Leonurus sibiricus* L. é rotineiramente mencionado como rubim ou cordão de frade e faz parte da família *Labiatae*, composta por 200 gêneros e cerca de 3200 espécies, extensamente distribuídas no mundo<sup>2</sup>.

Utilizamos 50 camundongos Balb-C, cada um com 20 g de peso, separados em cinco grupos de dez (A1, A2, B1, B2 e C). Infectamos 30 com 10<sup>6</sup> formas do hematozoário, contidas em 0,1 ml de

solução fisiológica e, para a contagem, correlacionamos a porcentagem de hemácias parasitadas, em esfregaço de sangue corado, com o número total de glóbulos, em câmara de Neubauer.

Em liquidificador obtivemos duas preparações de rubim, ou seja, em 200 ml de água destilada colocamos 100 g de caules ou de folhas e partes aéreas pouco antes colhidos. Geladeira serviu para conservação e a administração começou, cotidianamente, quatro dias após o aviamento, por meio de sonda gástrica e volume de 0,5 ml, estando os roedores em jejum. O tratamento principiou na data de inoculação do plasmódio e perdurou até o final da experimentação.

Quanto aos grupos, especificamos a seguir o que correspondeu a eles: A1 - infectados, receberam preparação de caules; A2 - não infectados, receberam preparação de caules; B1 - infectados, receberam preparação de folhas e partes aéreas; B2 - não infectados, receberam preparação de folhas e partes aéreas; C - infectados, não receberam preparações.

Avaliamos as parasitemias em dias alternados, comprovamos números crescentes de plasmódios desde 72 horas após as inoculações e notamos os comportamentos adiante consignados a propósito das mortes de todos os componentes: A1 - entre o quinto e o vigésimo-quarto dias; B1 - entre o sexto e o vigésimo-sexto dias; C - entre o oitavo e o décimo-sexto dias. Nos contingentes A2 e B2 os camundongos permaneceram vivos.

Pelo menos de acordo como procedemos, o rubim não revelou efetividade, contrariando os pareceres dos que julgaram ter conseguido proveitos através dele. O *P. berghei* presta-se, sem dúvida, a triagens de caráter terapêutico e, no presente estudo, permitiu conclusão válida, atinente de um lado à intenção de não desprezar simplesmente concepções populares e, de outro, a deduzir pela inatividade quando adotada tática para decisão.

Laboratório de Investigação Médica-Parasitologia do Hospital das Clínicas, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Laboratório de Farmacognosia, da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo.

Endereço para correspondência: Prof. Vicente Amato Neto. Laboratório de Investigação Médica-Parasitologia. Av. Dr. Arnaldo 455, 01246 São Paulo, SP, Brasil.

Recebido para publicação em 12/09/91.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Allison AC, Eugui EM. A radical interpretation of immunity to malaria parasites. The Lancet II:1431-1433, 1982.
2. Hoehne FC. Plantas e substâncias vegetais tóxicas e medicinais. Graphicans, São Paulo e Rio de Janeiro p.250-251, 1939.
3. Klayman DL. *Qinghaosu* (artemisinin): an antimalarial drug from China. Science 228:1049-1054, 1985.
4. Peters W, Portus JM, Robinson BL. The chemotherapy of rodent malaria, XXII. The value of drug resistant strains of *P. berghei* in screening for blood schizontocidal activity. Annals of Tropical Medicine and Parasitology 69:155-171, 1975.